

Mary Wong

Impressão ou
percepção?

Vendo os seus
alunos como
eles

realmente são

Image removidas

A classe de inglês estava em pleno funcionamento. Olhei com satisfação para as faces ansiosas de meus alunos que estavam absorvendo tudo o que eu falava — isto é, até que meu olhar parou em Danny. Lá estava ele, alheio ao que estava ao seu redor, com os olhos fechados e a cabeça caindo vagarosamente para fazer contato com o livro que estava na carteira. Senti os nervos na flor da pele ao ver a aparente indolência de Danny. O que mais me irritava é que isto ocorria diariamente. *Dormindo às 9:30 da manhã! Que preguiçoso!* Resmunguei comigo mesmo, determinada a chegar à raiz do problema. Rigorosamente ordenei que Danny acordasse e ficasse depois da aula para conversar comigo.

Quando o sonolento Danny levantou-se diante de mim depois da aula, palavras quentes de condenação e censura ameaçavam sair de minha boca. No entanto, toquei em seu braço e gentilmente falei, “Sente-se, Danny. Você parece estar cansado. Deve ter uma razão por dormir tão cedo na manhã. Você pode me dizer alguma coisa sobre isso?”

Seu olhar se tornou sombrio ao falar-me de como, desde a morte de sua mãe, ele foi levado a passar a maior parte da noite no bar de seu pai para ajudá-lo e aliviar sua própria solidão. Pobre Danny! Fiquei com muita pena do pobre menino. Nossa conversa continuou por mais de uma hora, enquanto tentava ajudá-lo a colocar suas prioridades no devido lugar, pois ele teria que prestar um exame pré-universitário dentro de menos de um ano.

Nos dias que se seguiram mostrei amor e atenção ao Danny. Uma mudança notável ocorreu nele. Ele estava acordado e alerta na aula e suas notas melhoraram imensamente.

No ano seguinte Danny e eu nos alegamos muito quando os resultados dos exames pré-universitários foram publicados. Danny não somente passou, mas passou com as melhores notas. Hoje Danny é um empresário de muito sucesso. Nos anos que se seguiram à sua

*É fácil para nós professores
formarmos uma vaga impressão de
nossos alunos...*

formatura, Danny voltou várias vezes à nossa escola para expressar sua gratidão por meu esforço encorajador.

Muitos anos mais tarde me encontrei lecionando num colégio em país estrangeiro. Pela primeira vez na minha vida eu estava ensinando inglês como segunda língua. Isto era um esforço cada vez mais penoso tanto para os estudantes como para mim, pois muitos deles tinham pouco conhecimento do inglês. Mais ainda porque eles não gostavam de aprender o idioma. No decorrer do bimestre, percebi que um dos alunos estava freqüentemente faltando à aula. Todas as vezes que via a cadeira de Jeane vazia, eu ficava perturbada, suspeitando que sua ausência poderia significar uma de duas coisas: ou ela era preguiçosa, ou não gostava de minha maneira de ensinar.

Ao ser chamada ao meu escritório, Jeane parecia estar ressentida. Sua cabeça estava baixa, seus ombros caídos, e ela recusava olhar nos meus olhos. Novamente palavras quentes de condenação estavam para sair de minha boca, mas ponderei suficientemente e só perguntei por que ela estava ausente tantas vezes. Lágrimas corriam dos olhos de Jeane ao contar-me acerca de sua fobia de aprender uma segunda língua. Para escapar à tortura de sua incapacidade, ela se escondia no quarto para não ir à aula. Depois de muito esforço e encorajamento, e de minha promessa de dar aulas de recuperação cada dia após as aulas, Jeane saiu de meu escritório como uma pessoa diferente. Seus ombros caídos se ergueram e havia um brilho de esperança em seus olhos. E a minha recompensa? No final do bimestre, a nota de Jeane foi uma das melhores, e ela se convenceu de que apesar de tudo poderia aprender o idioma.

Em contraste, Hazel era realmente uma fonte de inspiração para mim desde o

começo do bimestre. Ela era uma das alunas mais receptivas e inteligentes. Sentava-se sempre na primeira fileira, ansiosamente absorvendo tudo o que eu ensinava à classe.

Porém, um dia surpresa descobri que ela não estava mais sentada na primeira fileira, mas debruçada sobre sua cadeira lá na última fileira, com o olhar muito distante. Quando falei com ela, pareceu-me muito agressiva. *E agora, que foi que eu fiz para ofender esta menina?* pensei comigo mesmo. Determinada a descobrir o que acontecera, certo dia eu a detive após a aula. Para meu alívio, ela me assegurou que eu não era a causa de seus problemas, mas tinha um problema pessoal que estava lhe comendo viva. Depois de algumas perguntas de minha parte, ela me contou que estava saindo com um homem casado que insistia em que eles vivessem juntos. Ela estava dividida entre seu amor por ele e seu conhecimento de que este relacionamento não estava de acordo com os princípios morais que lhe foram ensinados na escola. Calmamente ajudei Hazel a ver quão sábio seria terminar este relacionamento. Depois disto ela voltou ao seu normal e conseguiu terminar o bimestre com boas notas.

É fácil para nós professores formarmos uma vaga impressão de nossos alunos, de acordo com o padrão que estabelecemos para eles, bem como nosso próprio sistema de valores. Através do vidro tingido de nossas idéias preconcebidas e das impressões baseadas na aparência externa e conduta de nossos alunos, julgamos cada um como bom ou mau, preguiçoso ou diligente, esperto ou estúpido. No entanto, pelas experiências citadas, aprendi que impressões superficiais podem ser uma maneira insegura de avaliar as atitudes, o caráter e a inteligência dos alunos. Freqüentemente, por trás da aparência há uma pessoa ferida ou com medo, esperando por aquele toque especial de compreensão e amor para ajudá-la a acertar as coisas, e para colocá-la de volta no caminho certo. Como professores, devemos pedir a Deus sabedoria e percepção para melhor ver e atender às necessidades dos alunos que estão sob nossa responsabilidade. ☺

Dra. Mary Wong ensinou inglês em várias escolas secundárias e colégios no Extremo Oriente por mais de 20 anos antes de ir com seu esposo para a Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.